



# 1

## MEIO PENDURADA

**V**alquíria Caos atingiu o parapeito e rolou, sem conseguir parar o movimento, e com um ofegar de pânico desapareceu por sobre a borda.

A torre da igreja era alta e imponente, se erguendo sobre a cidade de Dublin. A brisa noturna era fresca e carregava fragmentos de risadas das ruas abaixo. A queda seria muito longa.

Um homem vestindo um casaco esfarrapado andou até a borda e espiou para baixo. Ele sorriu maliciosamente.

— Isso é um insulto — afirmou ele. — Eles não sabem o quanto sou perigoso? Eu sou muito, muito perigoso. Sou um matador. Sou uma *máquina* treinada para matar. E, ainda assim, eles mandaram  *você*. Uma *criança*.

Valquíria sentiu que os dedos estavam escorregando da borda. Ignorou as provocações do homem de pé acima dela e olhou ao redor, em busca de algo em que pudesse se segurar. Olhou em todas as direções, menos para baixo. Para baixo era onde a rua fica-



va, onde a longa queda e a parada súbita estavam. Ela não queria olhar para baixo. Não queria ter nada a ver com *para baixo* agora.

— Quantos anos você tem? — continuou o homem. — Treze? Que tipo de adulto responsável mandaria uma menina de treze anos para me impedir? Que tipo de lógica é essa?

Valquíria se balançou suavemente na direção da torre, plantando os pés contra um pequeno suporte. O medo começou a correr por ela e a menina percebeu que estava ficando congelada. Valquíria fechou os olhos contra a onda de paralisia que se aproximava.

O homem era Vaurien Patife, atualmente procurado em cinco países por várias acusações de tentativas de assassinatos. Ele se agachou junto à beirada e sorriu, feliz.

— Estou transformando o assassinato numa forma de arte. Quando eu... quando *mato*, estou na realidade pintando um quadro muito, muito grande, usando sangue e, e... sujeira. Sabe?

Abaixo de Valquíria, a cidade cintilava.

— Sou um artista — continuou Patife. — Algumas pessoas não apreciam isso. Algumas pessoas não reconhecem o verdadeiro talento quando o veem. E isso não é problema. Não estou magoado. Minha hora vai chegar.

— Serpênteo tentou trazer os Sem Rosto de volta — Valquíria conseguiu dizer. Os dedos dela estavam ardendo e os músculos da perna gritavam de dor. — Nós o derrotamos. Vamos derrotar você também.

Vaurien riu.

— O quê, você acha que quero que os velhos deuses andem pela terra novamente? É isso? Acha que Nefasto Serpênteo era o meu líder? Eu não sou um dos seus discípulos malucos, está bem? Sou independente.

Valquíria tinha uma única chance, mas precisava permanecer calma para se aproveitar dela. Seus poderes, mesmo que limita-



dos, eram Elementais: a manipulação de terra, ar, fogo e água. Mas, neste seu estágio do treinamento, eles não funcionavam quando ela estava em pânico.

— Então, se você não quer que os Sem Rosto retornem — retrucou ela —, o *que* você realmente quer? Por que está fazendo isso?

O adversário balançou a cabeça.

— Você não entenderia. É coisa de gente grande. Quero apenas algum reconhecimento pelo meu valor, só isso. Não é pedir muito, é? Mas é claro, você não saberia. É apenas uma criança. — Ele deu de ombros. — Ah, bem. Hora de morrer. — Patife estendeu os braços para empurrá-la.

— Você já matou alguém? — perguntou Caos rapidamente.

— O quê? Não ouviu o que eu disse, de como vou transformar o assassinato numa forma de arte?

— Mas você nunca chegou a *matar* ninguém de verdade, não é? Eu li sua ficha.

Vaurien olhou furiosamente para a menina.

— Tecnicamente, é, tudo bem, talvez eu não tenha matado ninguém mesmo, mas chegou a hora. Você vai ser a minha primeira vítima.

A menina se preparou, controlando a respiração.

— Encontre o espaço onde tudo se conecta — ela murmurou.

Patife franziu o cenho.

— O quê?

Valquíria se impulsionou para cima com as pernas, soltando a mão direita da beirada e sentindo o ar contra a palma. Ela o empurrou como tinha sido ensinada, e o ar tremeluziu e atingiu Patife, atirando-o para trás. Valquíria agarrou a borda do parapeito, com as pernas balançando soltas no ar. Ela grunhiu e se puxou para cima, e depois jogou o braço esquerdo por sobre a borda e se er-



gueu até subir. Valquíria se levantou, enquanto braços e pernas tremiam com o esforço, e andou para longe da borda. O vento soprava seus cabelos negros pelo rosto.

Patife já estava se levantando, e Valquíria viu a raiva dominar seu rosto. A menina estalou os dedos, gerando uma fagulha que segurou na mão. Tentou se concentrar para transformar a fagulha numa chama, mas seu adversário estava correndo na direção dela como um trem de carga.

Valquíria saltou e jogou os dois pés para a frente. Suas botas atingiram o peito do vilão, que caiu novamente, estatelado. Ele se virou para a menina no momento em que ela lhe acertou um chute na mandíbula. Seu corpo se torceu e ele rolou para trás, se levantou e perdeu o equilíbrio, caindo novamente. Vaurien cuspiu sangue e olhou com raiva para Valquíria.

— Sua pirralha — rosnou ele. — Sua *pirralha* arrogante e ardilosa. Você não sabe com quem está se metendo, sabe? Vou me tornar o maior matador que o mundo já conheceu. — Patife se levantou lentamente, limpando o lábio ferido com a manga. — Quando acabar com você, vou entregar seu corpo mutilado e sangrento para seus mestres, como um aviso. Eles mandaram você me enfrentar sozinha. Da próxima vez, terão de mandar um batalhão.

Valquíria sorriu, atíçando a raiva de Patife.

— *O que diabos é tão engraçado?*

— Em primeiro lugar — disse a menina, cada vez mais confiante. — Eles não são meus *mestres*. Eu não tenho um *mestre*. Em segundo lugar, eles não precisam de um batalhão para derrotá-lo. E, em terceiro lugar — e este realmente é o ponto mais importante — quem foi que disse que eu vim sozinha?

Patife franziu o cenho, se virou e viu alguém vindo por trás dele: um esqueleto de terno preto. Tentou atacá-lo, mas um punho enluvado atingiu seu rosto, um pé acertou sua canela e um cotove-



lo se chocou contra seu peito. O bandido caiu, formando um montículo desajeitado.

O Sr. Ardiloso Cortês virou-se para Valquíria.

— Você está bem?

— Vou matar vocês dois! — Patife uivou.

— Cale-se — respondeu Ardiloso.

Patife se lançou para a frente e Ardiloso moveu-se contra ele, agarrando seu braço estendido e girando o oponente, e então o parou abruptamente acertando o antebraço na garganta dele. Patife deu um salto mortal no ar e aterrissou dolorosamente. Ardiloso voltou-se para Valquíria novamente.

— Estou bem — respondeu ela. — Mesmo.

Patife levou as mãos ao rosto.

— Acho que você quebrou o meu nariz! — A dupla o ignorou.

— Ele fala muito — afirmou Valquíria. — Mas acho que ele não sabe o que todas essas as palavras querem dizer.

Patife levantou-se num pulo.

— Eu sou o Matador Supremo! Eu transformo o assassinato numa forma de arte!

Ardiloso bateu nele novamente e Patife deu uma giradinha antes de cair.

— Vaurien Patife — anunciou o detetive. — Pelo poder a mim conferido pela Regra de Justiça do Santuário, estou lhe prendendo pela tentativa de assassinato de Alexander Remetente e Sofia Labuta em Oregon, Coturno Ode e Aneleiro Janota em Sydney, Gregory Castelão e Bartolomeu...

Patife tentou um último ataque desesperado, que Ardiloso interrompeu com um soco bem forte no nariz. O Matador Supremo balançou, caiu e começou a chorar.